ANO I — GUIMARÃES — (Segunda quinzena) — AGOSTO DE 1922 — N.º 5

Pro Vimarane

AMMINISTRADOR:
AURELIO DE BARROS MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA 31 DE JANEIRO, 42 — GUIMARÃES

DIRECTOR:
J. SILVA
SECRETARIO DA REDACÇÃO:
JOÃO S. S. RIBEIRO

PROPRIEDADE DO GRUPO PRO VIMARANE
Composição e impressão: TIPOGRAFIA LUZITANA
RUA GRAVADOR MOLARINHO, 15 — GUIMARÃES

—O vosso jornal não dá nada...
—Um grupo sportivo aqui em Guimarães?... deixai-vos disso...
—Praça de Touros?... Isso é bom para outras terras...

O quanto nos revoltam estas teorias de filosofos a trez ao *pataco*.

E lembrar-se á gente, que é a estes espiritos embrutecidos e daninhos, que devemos este estado de coisas em que vivemos!

Em logar de louvar as iniciativas e ajudá-las depois de postas em pratica, veem sempre com palavras de desanimo que, no geral, acabam por bem calar no espirito dos outros.

A nós — disso podem ter a certeza — não nos convencem eles.

Somos fortes de mais, para nos deixarmos vencer por tão raquitico pensar.

Somos novos e temos o coração a trasbordar de fé pelo futuro da nossa terra.

LEMOS, em algures, certas referencias a proposito do esquecimento a que tem sido votado o nome ilustre do saudoso Conego José Maria Gomes.

Achamos de inteira justiça aquelas referencias, razão porque as secundamos, prometendo dar a este assumpto a importancia que merece.

E' mais, um a juntar ao grande sudario, que, pouco a pouco, iremos descobrindo.

A assistir á reunião do curso teologico de Braga, de 1887-90, esteve nesta cidade o ilustre sacerdote rev. Manuel Antonio Gomes Himalaia, grande scientista portuguez e inventor do poderoso explosivo «*Himalaite*» e do notavel aparelho «*Pyrheliophoro*».

Quizemos conhecer as impressões que S. Ex.ª levava de Guimarães, mas quando o iamos procurar, já o distinto homem de sciencia se não encontrava nesta cidade.

A «Lumen» vai publicar um valioso livro intitulado «A Independencia do Brazil», de que é autor o grande historiador portuguez contemporaneo sr Rocha Martins.

E' um livro que por certo vai ser bem recebido despertando o merecido interesse, visto ser destinado a honrar na Exposição do Brazil a industria do livro nacional.

Pediram-nos uma referencia a este livro o que de bom grado fazemos, na certeza porém que é velha *praxe* a remessa — pelo menos — de um exemplar para se lhe fazer a devida referencia.

NOVA FASE

Com o presente numero inicia o nosso jornal uma nova fase.

Criado para defender os interesses da nossa terra, — da nossa linda terra de Guimarães —, êle tem singrado sem desfalecimento o caminho recto do Dever erguendo bem alto o seu grito de revolta em prol do nosso ressurgimento.

Ambicionando, unica e simplesmente, elevar o bom nôme da nossa gente, êle tem mantido todo o ardôr combativo das primeiras horas, tornando-se, assim, um forte baluarte contra a rotina e contra o indiferentismo do momento que passa.

Colocando-se á margem de todo e qualquer partidarismo das facções politicas, o maior flagelo que nos tem sopeado, êle tem caminhado ávante, olhos fitos numa suprema aspiração — o engrandecimento e progresso de Guimarães.

E', baseado nessa aspiração sublime, que o nosso modesto quinzenario sofreu uma ligeira modificação de disposição e formato, modificação que, para nós, representa um sacrificio bastante consideravel.

Quem conhecer as dificuldades tremendas que pesam sobre a imprensa do nosso país, certamente que ha-de convencer-se o quanto representa de dispendioso a manutenção de um jornal nas condições do nosso.

Já por mais de uma vez temos dito que não nos movem vaidades ou ambições. Repetimo-lo hoje. O nosso desejo, a nossa ambição, é que o nosso bairrismo frutifique e o nosso esforço seja compreendido.

Guimarães — a terra do trabalho e da tradição — precisa de quem a coloque ao nivel das outras terras, fazendo-a carrilar no caminho seguro do seu porvir, no caminho seguro que lhe deu vida e glória.

Saibamos, pois, vimaranenses, cumprir o nosso dever e que toda a nossa aspiração, e que todo o valôr do nosso esforço, tenha um objectivo unico, uma divisa sagrada:

— POR GUIMARÃES!

VILAFLOR.

FEIA...

(a **Julio Dally**)

Chamam-te feia... Ingrata Humanidade
Que tão mal compreendes a Natura—
Porque não sabem, quanta formosura
Encerras n'alma—juvenil deidade!

Porque não sentem, como eu a bondade,
—Essa bondade innata e sempre pura,
Que em teu risonho coração fulgura
Sob o manto subtil da caridade.

Chamam-te feia... sim; porém, que importa,
Se de minh'alma tens aberta a porta
E de meus lábios o sorriso é teu?!

Deixa-os falar! E's minha e tanto basta,
Para que sejas tão formosa e casta
Como os anjos que vivem lá no ceu!

(Do livro «*Acerba Dôr...*»

J. MARQUES MENDES.

CONHECEM-NA? Bate a toda as portas. Noite e dia lá vela junto da Miseria e agasalha o orfão. A todos beija e consola... Suas roupagens tem a candidez das açucenas, o perfume da Graça divina, a transparencia das coisas puras e a côr do manto do Céo — á hora em que as aguas são quietas e as estrelas tem raios de luz a iluminar a fronte desta filha de Deus...

E' ligeira e simples: não conhece a Vaidade e esconde a mão que dá: um sendal venda-lhe os olhos peregrinos — olhos azulados... olhos que são de Deus... olhos infinitamente meigos como só os pode ter...

— Conhecem-na?

.....

Chamam-lhe a *Caridade*.

ESCREVIA em Fevereiro de 1877, F. Martins Sarmento o grande sabio vimaranense, ao professor Pereira Caldas, a proposito da necessidade que havia em publicar um *«jornalete que servisse ao menos para dar conta do movimento archeologico que vai lá por fóra»*: que *«...esta terra não é para nada»*, e que *«...tanto dinheiro e tempo se emprega inutilmente!»*

Pelo visto, é mal antigo da terra, e que nós, os novos, nos esforçaremos por corrigir.

DE passagem nesta cidade, vimos o Ex.mo Sr. Dr. Pedro Martins, ilustre representante de Portugal no Vaticano.

RECEBEMOS a visita da excelente «Revista de Guimarães», primorosamente colaborada por os mais distintos escritores e dirigida pelo nosso ilustre conterraneo Sr. Dr. Ednardo de Almeida.

Muito obrigados.

VAMOS proceder á cobrança do primeiro trimestre do nosso jornal, cuja importancia é de um escudo. Esperamos dever aos nossos amigos e assignantes o favor do pagamento dos recibos logo que lhes sejam apresentados evitando-nos segundas despesas, que são enormes, e que será sempre bom evitar, de parte a parte...

A todas as pessoas a quem enviamos o jornal pela primeira vez e que nos não queiram dar a honra da sua assignatura pedimos para o devolver para regulamento da nossa escrita.

MINIATURAS

Uma mulher... como se vão vêr muitas

Contaram os jornaes que em Lisboa foi obrigada a esconder-se — está-se a vêr! — do olhar curioso do passeante, uma senhora nova, formosa, que trajava de forma tão subtil, tão vaporosa, dum modo tão simplificado, tão summario, que toda a gente perguntava se aquelle tecido transparente seria realmente um tecido, e se a saia curtissima de tão "liberal,, donzella não seria antes um pequenino vestidinho de boneca, que por engano tivesse vestido?

A policia não se fez esperar. Tendo na mente talvez as tres palavras de Cesar ao participar ao Senado a sua victoria sobre Pharnaco, tambem "chegou, viu . . .,, o que todos regaladamente viram, e se não "venceu . . .,, foi porque ficou totalmente vencida! Se lhes parece! E com um calor como estava!

Nós, pela nossa parte, logo que esta noticia lemos, é que não resistimos á tentação de recommendar esta toilette "moralisadora,, ás inumeraveis elegantes desta terra, e em especial aos respeitaveis papás e ás não menos virtuosas mamãs das ditas.

O tecido é um primor: melhor do que aquillo só . . . ao natural. Quanto ao tamanho da saia, creio que não chegava a 45 centimetros.

Mas não tardará a apparecer quem dispense essa tyrania dos 45 centimetros.

E não é de causar espanto o facto.

Não viamos nós já 80 o|o do corpo da mulher? Que importancia tem, pois, a abolição pura e simples dessa ninharia dos restantes 20 o|o?

Não é assim, não é isto verdade, oh papás extraordinarios e oh extraordinarissimas mamãs?

Guimarães — 1922.

RUY DE LANCARTRE.

CORREIOS

As encomendas — O edificio

O «Pro Vimarane» ouve o Ex.mo Sr. Julião Carneiro da Silva, dignissimo Chefe da E. T. P. de Guimarães.

O «Pro Vimarane» vae entrar numa nova fase, traçando um caminho diferente daquele que tem seguido todos os jornaes desta terra.

Somos novos. Precisamos de nos adaptar á epoca e abandonar aquela velhá rotina dos artigos *maçudos*, em que o articulista desenvolve o *seu* modo de vêr, ás vezes — sabe Deus — sem perceber *patavina* do assumpto que lhe dá na *gana* para versar.

Para fugir a essa rotina, o «Pro Vimarane» iniciou já uma serie de entrevistas, onde por seu intermedio, falarão as pessoas que, pela sua competencia pelo logar que desempenham em determinados organismos, são dignas das melhores das atenções.

*

Seguindo este critério, fomos um destes dias ali ao Largo Prior do Crato (?) ao predio onde numa chapa esmaltada — como em qualquer aldeola — se lê e se pasma: ESTAÇÃO TELEGRAFO-POSTAL.

Entramos no **corredor**. Ao *guichet* o nosso amigo, o conhecido Sr. Augusto *do Correio*.

Uma ligeira troca de palavras, e somos informados de que o Chefe da Estação devia estar no primeiro andar, no seu *gabinete*.

Pela primeira vez subimos aquelas escadas, quasi ás apalpadelas, apesar do sol estar muito longe do seu ocaso.

Em frente, um corredor muito pequeno e muito escuro, com uma mêza do seu tamanho, serve de sala aos distribuidores dos telegramas.

Uma porta que se não transpõe sem correr o risco de partir uma perna, dá entrada na saleta do telegrafo.

Mais ao lado, uma sala acanhada e sem mobiliario, a que o digno Chefe, tem que chamar seu *gabinete*.

Uns segundos de espera e logo, amavel e solicito, se nos dirige o Ex.mo Sr. Julião Carneiro da Silva, inteligente Chefe da Estação, que muita gente desconhece e ignora o quanto tem trabalhado para que se realise aquilo que Guimarães tem como uma das suas maiores aspirações.

— Somos do «Pro Vimarane» e vimos colher elementos para o nosso jornal.

Convida-nos logo a sentar e põe-se á nossa disposição.

Perguntamos:

— Qual o motivo porque o correio apenas recebe 40 encomendas por dia?

— Porque a Comp. dos C. de F diz não ter material; porque não pode ceder ao correio, mais que um compartimento duma carruagem.

Fui forçado a tomar esta medida porque no dia 21 do mez passado ainda estavam na estação do C. de F. 27 malas com encomendas, que para ali tinha ido no dia 19.

— Mas isso é um grande prejuizo para toda a gente... aventamos.

— Para toda a gente não. Esta medida de restrição é extensiva só aos exportadores, aos armazens. Um particular ou outra qualquer casa comercial que traga uma encomenda, recebe-se.

— E não ha um contracto com que os senhores possam forçar a Companhia a conduzir as malas que forem necessarias?

— Deve haver. Eu desconheço-o; comuniquei para baixo em 21 de Julho o que se passava, tendo recebido como resposta, que um funcionario superior dos correios vinha ao Porto para se entender com a direcção da Comp.a. Veremos o que faz.

***

Não podiamos saber mais nada sobre encomendas; mas estavamos ali e era preciso aproveitar o tempo.

Num momento passou-nos pela ideia o edificio. O edificio que Guimarães almeja, e que tem feito gastar tanta tinta aos jornaes e pacencia aos jornalistas

Iamos a preguntar;

— Sobre edificio não ha...?

E fomos logo interrompidos:

— Ha, e até lhe dou uma noticia que pode transmitir em primeira mão.

O Sr. Julião Carneiro da Silva levanta-se para ir a um armario que serve de arquivo; traz-nos um oficio, que devido á sua extrema amabilidade transcrevemos:

4 | 8 | 922

«Estando a ser organisada a planta do edificio dos correios e telegrafos dessa cidade, sirva-se V. S.a informar quantos compartimentos serão necessarios para a boa execução dos serviços, devendo V. S.a indicar os serviços a que se destinam os compartimentos e a sua superficie aproximada.

O Chefe dos Serviços,

(a) *Sá Carvalho.*»

— V. Ex.a respondeu a este oficio...?

— Que era preciso:

1 sala para o publico com 70 m.2;
1 » » serviço de *guichets* com 80,
1 » » gabinete do fiel com 30;
1 » » correio com 140;
1 » » telegrafo com 80;
1 » » deposito de encomendas com 80;
1 » » distribuidores de telegramas com 30;
1 » » deposito de material com 50;
1 » » refeitorio com 30:
1 » » gabine do Chefe da Estação com 40.

E S. Ex.a adivinhando a nossa ignorancia em calculos geometricos indicava-nos, calculando distancia, — na rua, é claro — a area que devia ter cada uma daquelas salas.

Comentamos então:

— Deve ficar um belo edificio, e onde os funcionarios dos correios se poderão mexer, enfim...

— E' certo que uma casa com a superficie que indiquei é grande de mais para o movimento actual: mas é preciso contar com o movimento futuro, que deve ser muito maior que o d'hoje. Esta *Estação* — o sublinhado é nosso — chegava para o movimento que aqui havia ha 30 anos, que é ha quantos foi instalada.

Gil Vicente e o seu monumento

Eu já ouvi expôr, por génios fluentes e brilhantes, a vida universitária de Gil Vicente, a sua vida na côrte — em contacto directo com o alto clero e nobreza — a própria coincidencia da sua vida com os acontecimentos que transformaram a vida politica de Portugal.

«Gil Vicente foi — como escreve Carlos Malheiro Dias — o contemporâneo das descobertas e conquistas, viveu nos mais gloriosos reinados, privou com a côrte faroática de D. Manuel, assistiu a toda a epopeia maritima na sua fase heroica e aventureira».

E' isto um factor importantissimo na análise da obra do poeta, e tão importante, que ninguem o despresa nem esquece.

Todavia ha um que, não sendo de menos importancia, é por todos esquecido e até desprosado — o seu nascimento na cidade de Guimarães.

Coube a esta terra, após longos e eruditos debates, a dupla glória de ter sido o berço da nacionalidade portugueza e o berço do teatro nacional. A contestação da primeira encontra-se nas torres do nosso altaneiro Castelo e nas muralhas de D. Diniz; a da segunda, nem um documento que o prove, nem um monumento que o lembre.

Simplesmente uma rua com o nome do seu fundador que, se não estou em êrro, nem placa tem. Esta deliberação tomada em sessão camarária de 31 de Março de 1880, embora alguma coisa represente, não é ainda o suficiente; sim, porque o *touriste* não se preocupa com as placas colocadas às esquinas das ruas.

Quer dizer: Gil Vicente continuava lançado no ólvido.

As gerações passaram, e o indiferentismo grassava no espírito de todos aquêles que delas faziam parte.

Chegou o ano de 1917. A Academia Vimaranense, tendo á sua frente o seu querido reitor e verdadeiro espírito bairrista, snr. José de Pina, reconhecendo ser uma necessidade o prestar homenagem a um filho ilustre desta terra, por sua expontanea liberdade iniciou uma subscrição, para assim poder perpectuar o nome daquêle que foi o poeta moralista, o poeta-sarcástico, o truão hilariante e o filósofo rijo e grave

Manuel Pacheco Guimarães, exilado voluntário da sua terra, perfilhou a ideia e foi o primeiro a subscreve-la. Pensara-se em formar um Grande Comissão, da qual fariam parte as chamadas *forças vivas da cidade*, que seria encarregada da propaganda de tal iniciativa. Fizeram-se reuniões preparatorias; e quando se ia dar começo á grande tarefa, apareceu o sempre altruísta; snr. Simão da Costa Guimarães, que se ofereceu para, conjuntamente com os proprietários das nossas mais importantes fábricas, custear as desposas que se fizessem com o monumento, comemorando, assim, o desenvolvimento das industrias vimaranenses.

Mas... dois anos são passados e... nada. Parece que a eterna doença contaminou a ideia que florescia.

Parece que «o asilo dos projectos abandonados» é uma realidade.

Muita animação no começo, muito *bairrismo*, para logo cair numa grande apatia e inactividade.

Fala-se na homenagem que a Cidade de Guimarães quer prestar aos heroicos aviadores, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, gravando os seus nomes num dos maiores rochedos da nossa encantadora Penha!...

(Vêr conclusão na 3.a pagina, 1.a coluna)

«O' Guimarães, teu progresso, tua vida...

Ainda a propósito

O «Ecos de Guimarães» saiu em defeza das proibições com que o zeloso prelado da diocese tem desgostado o romarieiro povo minhoto. E' legítimo, tanto mais que o faz com calma e polidez, concordando até connosco quando igualmente declara *não saber as razões que tem o Sr. Arcebispo de Braga para proibir a Lapinha e os carros de S. Torcato.*

Quem ler, porêm, aquela defeza ha de supor que nós fomos além duns ligeiros comentários à proibição de simples actos de culto externo, comentários sugeridos afinal, pelas lamentações do próprio povo com referências pouco lisonjeiras para a autoridade e dignidade prelaticias.

Não nos metemos, como qualquer leigo paizano em materia de tactica militar, a criticar ou discutir coisas de religião, em seus dógmas, especialmente, embora êles caducos e decrépitos, não resistam a um exame racional em face da astronomia e de outras verdades scientificas. Aceitam-se religiões como boas, e são respeitáveis, porque tôdas elas, segundo as formas e ritos do culto em que foi educada a nossa infância mandam prestar ao Autor da natureza a homenagem de reconhecimento e a submissão dos nossos corações.

Do culto se trata apenas. Ele é sem fanatismos nem hipocrisia, uma necessidade das almas e uma garantia da paz e da ventura das sociedades, quer estas se humilhem nas suas igrejas e templos cristãos, quer ajoelhem perante seus tabernáculos frequentem suas sinagogas ou suas mesquitas, aprendam o caminho dos seus pagodes ou elevem para o sol, na solidão dos bosques selvagens, os seus corações medrosos ou confortados.

Não. De estranhar é que um prelado desconheça que «quanto mais longe é a romaria mais folga a Maria,, e suponha que,com tais proibições consegue desviar o povo destas festas, que são, por assim dizer, as suas férias de verão. Nada mais consegue do que dar razão ás autoridades republicanas que por simples e transitória medida de ordem publica tão censuradas foram de perseguições religiosas, de desprêso pela tradição e pelos interêsses do comércio que — dizia se e escrevia se para aí — tanto lucrava com a vinda da Lapinha á cidade.

E porque não lucra tambem agora se a Lapinha voltar? E' que o demo da política até vai buscar a religião... para ajudar a levar bem a vida.

Pela revogação das ordens para Antime, onde tudo continua como dantes, se vê que não houve razões de pêso e de transcendente saber para se proibir aquela festa; e nós perguntamos porque se não revogam as ordens com relação á Lapinha, a S. Torcato e á Costa? Será porque o povo de Fafe é mais católico do que o de Guimarães? Será porque possam admitir-se ordens diversas sobre coisas perfeitamente identicas para localidades da mesmissima diocese? Não. certamente. E nós continuamos cá na nossa: é porque.. «O' Guimarães, teu progresso, tua vida...»

Na PENHA

EM HONRA DOS HEROIS

Compromissos tomados com amigos que muito admiramos e estimamos pela lhaneza de seus tratos delicados e gentis, vimos pela vez primeira colaborar nas colunas do **Pro Vimarane** dando-lhe o melhor da nossa inteligencia, ou por outra, a dedicação da nossa vontade, que é muita, auxiliando um pouco, um quasi nada, a cruzada bendita que corações vimaranenses se impuzeram na defeza legítima — sagrada mesmo! — dos interêsses desta terra que o indiferentismo duma *maioria* quere, conscientemente (?),— deixem nos escrever assim —, que ela continue na *vanguarda* do retrocesso consentindo-se ainda nessas imundas e miserandas artérias — tortuosas e corcundas — que são a vergonha duma cidade inteira apenas interessada na baixa política dos cafés ou jogando a **batota** legal ou ilegalmente consentida...

Ninguém ignora a existência do projecto — magestoso, imponentemente belo e patriótico — do grande Artista que é o nosso ilustre conterráneo sr. José de Pina — projecto-ideal, originalíssimo que, a ser executado, seria um dos melhores padrões que Guimarães passaria a possuir nos últimos tempos: gravar em uma das rochas da nossa muito encantadora Penha uma lápide a imortalizar dois Homens que, sôbre os Mares,—Aguias do Céo—escutando a voz de **Deus** e as bênçãos da **Pátria**, mostraram ao Mundo inteiro que Portugal tem ainda vitalidade para arrostar com as plagas enraivecidas dos mares ou com as fúrias dos ventos...

Já no «Ecos de Guimarães» nos referimos a este tam importante como simpático projecto chamando *todos* os Vimaranenses a concorrer, na medida das suas fôrças, com a sua quota parte para que seja realizável a Ideia grandiosa e cheia de Beleza que o lápiz apurado do Mestre tam genialmente traçou. Um pouco de vontade basta para Guimarães mostrar aos seus visitantes que os vimaranenses--num impulso de verdadeiro amor á **Pátria**—souberam honrar e glorificar os Herois, perpetuando a façanha dos Ares esculpindo em tosca pedra o Arrojo e a Audácia dos portuguêses. Como? Muito simples: Convocar nova reunião a Camara Municipal saindo dessa reúnião uma Comissão onde estivessem agregados o Clero, a Sociedade Martins Sarmento, a Academia, os Bombeiros Voluntarios, a Associação Comercial e as Associações de Classe. Por sua vez esta comissão nomearia um dos membros de cada colectividade para fazer a máxima propaganda entre os seus associados recebendo donativos destinados ao fim desejado. Todos os sábados, á hora em que o pessoal das nossas fábricas e oficinas recebe os seus salários, uma comissão nomeada encarregar-se-ia de cobrar a mais insignificante quantia que cada operario ou operaria quizesse oferecer para a lápide comemorativa do gigantesco gesto de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

E' a maneira mais simples e a mais prática para que a nossa terra veja enfim realizado um projecto que é um título de gloria a honrá-la e a engrandecê-la.

DOMINGOS RIBEIRO.

Só assim

As bombas continuam lá por Lisboa a rebentar a êsmo, vitimando pessoas indefesas de todos os sexos e edades. Isto é revoltante e revela uma perversidade sem nome.

Diz se que ninguem tem o direito de matar, quando se citam os países mais civilizados, que teem ainda a pena de morte. De acôrdo. Mas quem tem o direito de matar por esta forma tão cobarde e cruel? Ao menos recaia a justiça final sôbre o próprio criminoso.

Porque não votam, e já no parlamento, esta lei simples e salutar?:

1.º—Todo o cidadão da Republica fará desaparecer, onde não façam damno algum, no inferno que seja, as bombas que tenha em seu poder, no praso de oito dias.

2.º—Quem fôr encontrado com alguma bomba será enforcado imediatamente na praça publica.

3.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Garantimos a eficacia deste remédio santo, desde que as fôrcas fôssem levantadas.

***

Batotice

Diz um semanário local que rendeu 9 contos o jogo de Vizela, na preeente época balnear. Será verdade?

Que destino se deu ou irá dar a êsse dinheiro?

Que dizem a isto os que andam sempre a preguntar pelo dinheiro da batota quando estão por baixo?

CAPITÃO PINA.

Continuação do «Gil Vicente e o seu monumento»

Para quê?... Então ainda se persuadem que *isto é de andar?* Quando Guimarães não se importa dos seus, que fará dos outros?!...

Isto ha de ser sempre o mesmo que era aqui ha mil anos.

L. C.

Continuação da entrevista «Correios»

Quando S. Ex.ª nos disse o que se podia calcular por 140 metros quadrados para a sala destinada ao correio, exclamamos:

—Mas isso é um salão enorme!...

—E' preciso para a distribuição de encomendas, pois nesta casa mal se consegue um serviço imperfeito, que origina troca de encomendas, reclamações etc.

Pedi um refeitorio para não acontecer como aqui, que o pessoal que não pode ir a casa, não tem outro logar para comer a não ser em cima das encomendas.

E continua:

—Tenho-me interessado por isto a valer, chegando mesmo a pedir particularmente. E quer vêr?

Vendo a impossibilidade de caber tudo aqui dentro, pedi em 10 de Março, para me ser autorisada a instalação do serviço de encomendas noutra casa. Em 25 do mesmo mez, foi-me concedida essa autorisação, para procurar edificio onde a instalasse. Não encontrei casa, coisa que eu sabia ha muito tempo. Aquele pedido foi apenas um pretexto para em 22 de Maio seguinte, pedir a imediata construção do novo edificio, pois sabia que no Porto o engenheiro Sr. José Joaquim d'Azevedo trabalhava na planta e no ante-projecto.

—E terreno para o construir?

—E' no Proposto, naquele *bico* que faz frente para a estrada de Braga. Foi cedido á Administração Geral dos Correios e Telegrafos pelo Ministerio da Instrução; já o ano passado foi assinado o termo de transmissão.

—E dinheiro para o construir...? se o governo não der...?

—O governo não dá nada...

—Como assim?!... O Sr. Mariano Felgueiras, deputado por Guimarães disse a um nosso colega que tinha arranjado verba para o projecto!

—Deve haver equivoco do seu jornal, porque o projecto não custa dinheiro. Os projectos e plantas são feitos nas nossas repartições, por engenheiros, funcionarios dos correios.

A planta e o ante-projecto da estação daqui, está a fazê-lo no Porto o engenheiro sr. Azevedo em Lisboa ha de ser feito o projecto definitivo.

A conversa corre agora animada.

—Esteve aqui ha tempos o engenheiro Chefe da Secção de Engenharia Civil da Administração Geral dos Correios e Telegrafos, Sr. Henriques, que me garantiu, que daqui a 3 anos teriamos a estação prompta, e que se iam gastar 300 contos. Confesso que não acreditei. Para isso era preciso começar já.

Arriscamos ainda:

—Se começasse já e houvesse dinheiro...?

—Dinheiro ha. No orçamento dos Correios e Telegrafos ha uma verba destinada a reparações e construções de edificios. O engenheiro Sr. Henriques é quem distribue como entende essa verba. Ora a esse é que era preciso pedir, e o Ex.mo Sr. Mariano Felgueiras podia fazer muito, valendo-se da sua influencia junto do Sr. Antonio Maria da Silva, actual presidente do ministerio e director Geral dos C. e T.

Concluindo dissemos nós:

—Havendo quem se interesse pelo caso, o suspirado edificio é um facto. Não é verdade?

—Não tenha duvidas.

Com os nossos agradecimentos, despedimo-nos.

Já na rua, somos abordados por uma familia desconhecida que nos pregunta onde é o correio.

Corámos de vergonha e dissemos que não sabiamos.

SERGIO VIDAL.

P. S.—Depois disto escripto vimos no «Janeiro» algumas referencias sobre o que aqui fica.

Soubemos porêm, que o *solicito* daquele jornal, abusou da confidencia dum nosso colega, indo ao correio informar-se. Se não se sente com forças para fazer a sua reportage de favor, abandone as funções de *solicito* que exerce.

Ou quererá brincar comnosco?...

S. V.

Tipografia Luzitana

DE

João Pereira da Costa

Rua do Gravador Molaiinho, 45

Guimarães

Estabelecimento modelar onde, com a maxima brevidade, se executam todas as obras consernentes á arte tipográfica.

PAPELARIA, TABACOS, COMISSÕES E SEGUROS DA COMPANHIA ATLAS

AD-HOC

AD-HOC é o titulo desta secção que hoje iniciamos, e onde arquivaremos pedaços literarios, frases, versos, anecdotas, etc., etc., que dos melhores autores encontrarmos. Será, como é facil calcular, uma secção interessante, que por certo satisfará o leitor: já pela sua agradavel leitura, já pelo que de instrutivo encerra.
O PRO VIMARANE *julga cumprir o seu dever, proporcionando aos seus leitores, ensejo para conhecer aquilo que ignoram sem contudo prejudicar o seu verdadeiro fim* — POR GUIMARÃES.

De ALEXANDRE DUMAS, FILHO:

E' mais facil ser bom para toda a gente do que para alguem.

Só gozam verdadeiramente da vida aqueles que a empregam em pequenas cousas.

O genio não explica Deus; a bondade prova-o.

////

CANTIGAS (populares):

Teus olhos são dois faroes
Do porto da Tentação;
Quem por eles se guiar
Naufraga sem remissão.

////

CUMPRIMENTOS CURIOSOS:

Um cumprimento gracioso é o *salamalek* dos arabes. Levam a mão direita á altura dos joelhos, depois levantam-na até aos labios, tocando o seu peito do lado do coração e depois pousam-na sobre a fronte.

—Nas ilhas Carolinas esfregam no rosto... o pé da pessoa que encontram.

—Algumas tribus da Africa cumprimentam-se... rolando no chão, e outras do Sudão cospem na mão direita das pessoas com que esbarram (!).

—Na Polinezia os indigenas esfregam reciprocamente o ventre.

QUE É PORTUGAL?

(Anecdota historica do livro do sr. R. Chaves).

Voltando a Roma o nuncio em Lisboa, D. Francisco Raniza, perguntou-lhe o Papa:

—Que vos parece Portugal?

—Santissimo Padre, Portugal é uma nação tão grande, que querendo os portugueses destrui-la o não podem conseguir.

////

CONCEITOS DO LIVRO «O DESERTO», de *Manuel Ribeiro:*

O que conserva a saude é, melhor do que tudo, ser obediente, é reconhecer a sua falibilidade, a sua limitação, e quanto mais o homem se restringe a si, melhor se estuda e se compreende e se conhece.

—Quem melhor sabe humilhar-se é quem melhor reconhece o erro. E saber reconhecer o erro é a suprema sabedoria.

—Só os fátuos e os ignorantes afrontam o ceu de cabeça erguida.

—A alma daquele que não sabe orar é como a semente que não rompe a crosta da terra e que apodrece sem que o sol a beije, sem que se inflore e se desentranhe em vida.

—As sociedades são agrupamentos e não ha Todo perfeito sem que as parcelas o sejam.

NOVA PADARIA

Rua Elias Garcia, 63
(Antiga de Santa Maria)

GUIMARÃES

DE

Luiza Candida Lemos Almeida

Fabrico de pão boròa, bijou e rosca. Pão ralado

CASA DAS NOVIDADES

Ribeiro, Castro & C.ta

103—Rua da Republica—105

GUIMARÃES

LIVRARIA, PAPELARIA, TABACARIA PERFUMARIAS E MIUDEZAS

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO.

Selos, letras e mais valores selados.
Musicas para Piano.
Casa Editora de Obras Catolicas.
Medalhas, Terços, Oleografias e outros artigos de piedade.

FERREIRA & MARTINS

Limitada

86, Rua de Paio Galvão, 88

GUIMARÃES

Mercearia de 1.ª qualidade. Vinhos finos das melhores marcas, doces e bolachas. Depositarios dos Refrigerantes, Xaropes e Licores do Bom Jesus de Braga.

MERCEARIA

CONFEITARIA

26, RUA 31 DE JANEIRO, 28

Completo sortido de todos os artigos referentes ao seu comercio.

Representantes dos afamados vinhos de RODRIGUES PINTO, Gaia

Vinhos Ferreirinha ao preço da tabela

Barbearia Ideal

13, LARGO CONDESSA DO JUNCAL, 14-A

GUIMARÃES

BENTO GOMES

SERVIÇO ESMERADO

VAGO

CASA PENHORISTA VIMARANENSE

Emprestimos sobre Valores

PEIXOTO, ROCHA & C.A

RUA DA REPÚBLICA — **GUIMARÃES**

Antonio de Araujo Salgado

Rua 31 de Janeiro — Guimarães

*

Estabelecimento

DE FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS.

*

LIQUIDAÇÃO DE TODOS OS ARTIGOS DA

Estação de Verão

*

CASA BARBOSA

MARIO QUEIROZ

Rua da Republica, 132

GUIMARÃES

ESPECIALIDADE EM CHÁ E CAFÉ

Deposito de vinhos gazosos de Amadia, de Lucien Beisecker, da especial manteiga Flôr da Citania, de Paços de Ferreira, e do afamado café Gonçalves Costa, de Lisboa.

Farmacia Alves Mendes

SUCESSOR

LARGO PRIOR DO CRATO, 41

GUIMARÃES

Proprietario:

Manuel Ferreira Martins

Farmaceutico licenciado pela Faculdade de Farmacia da Universidade de Coimbra

Aviamento esmerado de todo o receituario, com produtos quimicos de toda a confiança. Especialidades farmaceuticas nacionaes e estrangeiras. Analises e esterelizações.

CASA DUARTE

LANIFICIOS

Tecidos de algodão nacionais e estrangeiros

ARTIGOS DA MODA

Delegação da Companhia de Seguros «Indemnisadora»

Rua 31 de Janeiro, 33 a 37

GUIMARÃES